

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Popular

Class.: 68

Data: 28/11/80

Pg.: _____

Professor goiano escapa aos Wau-Wau

São e salvo, retornou esta semana a Goiânia o professor Mário Arruda da Costa, do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás, que esteve, durante cinco dias, cercado, juntamente com outros companheiros, pelos agressivos Uru-Eu-Wau-Wau, no posto de atração da Funai, em Alta Lídia, município de Ariquemes, no Pará.

Os bocas-negras — assim são chamados esses índios — sitiaram o acampamento e tentaram vários ataques mortais e num deles, dia 14 último, quase matam o guia Mauira, da Funai, disparando contra ele oito flechas e errando o alvo devido à forte chuva que caía na ocasião. O primeiro ataque ocorreu no dia nove e como os demais foi violento.

OS ATAQUES

Os Uru-Eu-Wau-Wau cercaram o posto Alta Lídia, da Funai, entre os dias nove e 14 passados, tentando uma oportunidade para flechar quem pudessem. No dia nove, ao meio dia, eles já se preparavam para investir contra o posto, quando foram descobertos pelo índio Mereso, outro integrante da expedição da Funai. No dia 11, quando a equipe estava no campo fazendo pesquisas e escolhendo locais para colocar presentes — com os quais procura-se atrair os índios — uma flecha caiu junto ao grupo, sem atingir ninguém, não se sabendo de onde ela partiu. Outra investida foi realizada contra o índio Nema, na cozinha do posto. Dos cinco ataques, os Uru-Eu-Wau-Wau atiraram flechas em três. No dia nove, o primeiro, seria desencadeada a maior investida, mas os índios foram descobertos por Mereso, que às 12 horas resolveu fazer um passeio pelo meio do mato, descobrindo os silvícolas nas moitas ao redor do posto. Como Mereso correu para dentro do posto, o ataque foi suspenso pelos bocas-negras, que só investem quando as pessoas estão fora dos ranchos. Com todos dentro, eles não atacam temendo ser alvejados com armas de fogo.



Prof. Mário Arruda

QUERIAM MATAR

Nos três ataques a flechas, ninguém foi atingido, mas isto só ocorreu porque os Uru-Eu-Wau-Wau erraram mesmo os alvos. "A intenção deles era, realmente, matar alguém", disse o professor Mário Arruda. Na principal investida, no dia 14, sábado, foram disparadas oito flechas contra o índio Mauira — também da expedição — que foi beber água num riacho próximo ao posto, debaixo de um temporal. As setas mudaram de rumo por causa da chuva e do vento, fincando-se no chão, perto de Mauira. Durante os cinco dias de assédio ao posto, segundo Mário Arruda, os Uru-Eu-Wau-Wau — um grupo de 10 a 12 — só se mostraram uma vez. Normalmente sabia-se que eles estavam por perto devido aos sons do mato, rastros e objetos deles encontrados nos arredores do posto. Presume-se que abandonaram o sítio, apenas para seguir um rebanho de porcos-domato, pois precisavam de alimentação,

já que no período de assédio, consumiram toda a reserva de comida que possuíam, de acordo com o professor.

SEM ALDEIAS

Os Uru-Eu-Wau-Wau pretendiam, realmente matar alguém. Eles entendem que, assim, os invasores de suas terras vão embora. Já adotaram essa tática antes, e sempre deu resultados. Tanto que a região de Alta Lídia atualmente está deserta. Ninguém quer ficar lá por muito tempo, embora a área apresente abundância em seringaís e castanheiras. Mas ocorre, também, que os seringalistas e seringueiros, além de colonos, praticamente já exterminaram toda a nação dos Uru-Eu-Wau-Wau. Hoje, esses índios não possuem mais aldeias. Eles vivem em grupos dispersos sem lugar certo para morar. Vivem inlocados, como dizem os seringueiros, morando embaixo de árvores, em grupos de 10 a 12 famílias. Os ataques ao posto da Funai coincidiu com a reunião de cerca de três desses grupos, totalizando de 150 a 180 índios — informa Mário Arruda.

TÁTICA DIFERENTE

As flechas disparadas nos ataques foram recolhidas e quase todas devolvidas, sendo deixadas junto com presentes em tapiris, como requer o costume índio. Mas, até o momento, nem as flechas nem os presentes foram recolhidos pelos silvícolas. De acordo com a opinião dos guias índios da expedição, pelo menos as flechas não serão recolhidas, pois os bocas-negras nunca fizeram isso antes.

Ao buscar a aproximação com o Uru-Eu-Wau-Wau, a Funai tenta protegê-los, conforme Mário Arruda. Com eles, procura-se fazer um trabalho diferente dos anteriores. Na verdade, o delegado regional da Funai em Rondônia, Apoená Meirelles, não pretende uma aproximação imediata. Ele quer, primeiro, demarcar a reserva — com área de aproximadamente nove mil hectares — onde esses silvícolas viverão, envolvendo-a com um anel de postos da Funai, para depois entrar em contato com os bocas-negras. Antes se estabelecia a aproximação para, depois, discutir-se a área dos índios.